

HISTÓRIA DE VIDA E GENEALOGIA: CATEGORIA NARRATIVA ESPECÍFICA EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO...

LIFE STORY AND GENEALOGY: SPECIFIC NARRATIVE CATEGORY IN SEARCH OF THE LOST TIME...

*Sandra Maia Farias Vasconcelos**

Resumo: *Esse estudo tem como objetivo trazer à tona uma nova categorização dos estudos da narrativa a partir da especificidade histórica pessoal e genealógica. Percebemos haver uma lacuna nos estudos linguísticos acerca das narrativas familiares, históricas e genealógicas, formadoras da pessoa em sua estrutura pessoal e profissional. Consideramos haver uma camada intergenérica entre o tipo narrativo e suas manifestações genéricas no que diz respeito às escritas biográficas e autobiográficas, entre a escrita ficcional e a escrita de si, caracterizadas pela veracidade e pela pessoalidade na escrita, segundo a perspectiva iniciada por Gaston Pineau. Essa camada ou classe textual, aqui chamada classe narrativa, passa além das categorias tratadas por Barthes, denominadas pelo autor: níveis da narrativa. História de vida e genealogia formam uma classe narrativa que abrange as diversas formas de manifestações narrativas cunhadas na emotividade – relação com o emissor – e na realidade dos fatos, aspectos relevantes na construção discursiva.*

Palavras chave: *história de vida; genealogia; narrativa.*

* Professora doutora da Universidade Federal do Ceará e do Programa de Pós-Graduação em Linguística – Pesquisadora CNPq e líder do Grupo de Estudo em Linguística e Discurso Autobiográfico (GELDA). E-mail: sandramaiafv@gmail.com

Breves palavras...

O conjunto de escritos que envolve a história do mundo não tem medida. As histórias são trens em andamento, correndo sobre trilhos de memórias que não se terminam jamais e cujas alternâncias vão se transformando à medida que a história ganha novas feições e a escrita ganha novas modalidades, sempre à procura de sentido. René Barbier (1997) argumenta que viver é sempre ir em busca do sentido, e o faz tomando como exemplo a poesia. As histórias presentes foram antecipadas por outras que produziram sua vinda por meio de fatos e detalhes que construíram ao longo dos tempos uma razão de existir da própria narrativa biográfica do mundo. Daí se inferir a notória diferença entre História e memória. Os atributos não exatos da memória coletiva auxiliam o processo imaginativo e constroem uma especificidade de gênero que passa além da representação dos fatos, além da narração de eventos e acontecimentos do passado, dando lugar aos acontecimentos que ainda estão por vir, ou mesmo àqueles que nunca ocorreram, a não ser no circuito imaginário do reconto constante das gerações.

A genealogia tem por especificidade a construção do ser, a edificação de cada um de nós, por meio de histórias vividas, de memórias alcançadas e de fatos intercorrentes com a história do mundo, dando relevância aos fatos modificadores das histórias de família, pela construção do discurso identitário. Disto resulta que a construção se elabora a partir de três eixos, conforme nos apresenta Lani-Bayle (1997): a transmissão entre pessoas que se sucedem no fluxo familiar; a recepção-inscrição de traços marcantes dessa construção da pessoa; e a apropriação-integração desses traços como laços que ligam essas gerações. A gênese do sujeito vai se construir desse modo como uma permanente roupagem articulada sobre um fundo opaco, múltiplo e fecundo, que se desdobra e se redobra constantemente em formação de histórias novas que sempre trazem pistas das histórias precedentes.

Benjamin (1993) propõe três estágios de criação de uma boa narrativa, a saber: um estágio musical, quando a história é composta; o estágio arquitetônico, quando ela é construída; e um estágio têxtil, quando ela é tecida. Também para Miermont (1993) existem três estágios no momento do processo da escrita generativa: o do momento vivido, do acontecimento e de todos os detalhes que constroem sua descrição, a experiência corporal e emocional do acontecimento – a semiogênese; em segundo lugar, a transformação dos sinais, das pistas, sua organização e o esboço de uma ficção subjetiva. Para o autor, nesse momento se constroem os mitos – quem conta as histórias – cuja evolução é tratada pela

cosmogênese; e por último, a decentração do sujeito, um deslize em direção à objetividade, ao conhecimento amplo, àquilo que se pode chamar o saber, o *episteme* – que faz a história – ratado pela noogênese como descritor de seu desenvolvimento.

Nesta reflexão podemos desde já traçar também uma triangulação para as histórias de vida: o primeiro momento referente ao pré-texto, à intimação dada ao autor para que se ponha no processo de escrita, ação que pode tomar cunho coercitivo (PASSEGGI, 2008); o segundo momento, o momento da ação de escrita, de descoberta de possibilidades concretas de autorrelatar-se como autorretratar-se, retomada mágica de um autodiscurso que se constrói se construindo. Esse momento é marcado pela emergência de fatos que constituem a história e a memória do sujeito. O terceiro momento leva o sujeito a distanciar-se de seu objeto, a escrita de si, e ao mesmo tempo estabelecer um reconhecimento de seu papel como interlocutor ativo do processo de escrita. Para Lejeune (1980), esses processos correspondem à escuta tripolar P1, P2 e P3, em que P1 é o projeto inicial, projeto de resistência, de negação; P2, organização relacional e luta para impor uma imagem valorosa; e P3 a dimensão do eu que se volta para o futuro.

Para Lani-Bayle (1997), não é coincidência o fato de se ter sempre o número três envolvendo essas operações, as teorias e os autores. A autora sugere que esse três marca uma regra de três que leva ao terceiro na relação de reciprocidade histórica. Para cada relato haverá uma terceira visão que possivelmente extrapolará as visões anteriores e dará um passo à frente em busca de um entendimento concreto que sirva de base para um entendimento futuro. Existe, assim, sempre um encaminhamento prévio, um começo em toda continuidade dos fatos. Nada acontece pela primeira vez, a história provará que houve um começo para toda e qualquer ação humana ou que envolva seres humanos e que coletivamente os fatos vão se repetindo em contextos diferentes, com outras pessoas que reagem diferentemente, mas que retomam o fio da meada da história coletiva do mundo.

1 Perspectiva epistemológica das histórias de vida

Barthes (1973) propõe algumas categorias da narrativa e nos explica que precisamos compreender que o ato de ler ou de escutar uma narrativa não “é somente passar de uma palavra a outra, é também passar de um nível a outro” (BARTHES, 1973 p.26). É dessa forma que Barthes nos apresenta sua maneira de compreender uma narrativa, a partir de níveis.

A obra de Roland Barthes propõe três níveis de descrição da narrativa: o nível das funções, que está ligado à própria funcionalidade dos elementos na narrativa, a sua significação; o nível das ações, que é composto pelo estudo dos personagens; e o nível da narração, que é a própria história narrada. É bom lembrar que estes três níveis estão ligados entre si a partir de um modo de integração, pois uma função não terá sentido se não houver lugar na ação e a ação só recebe significação desde o momento em que ela começa a ser narrada.

Além desses três níveis de Barthes, como veremos adiante, a narrativa autobiográfica ganha outros níveis concernentes à subjetividade, ao olhar sobre o outro e à representação da imagem de si e do outro, elemento fundador das histórias de vida.

A modalidade de pesquisa que diz respeito a um *corpus* formado por testemunhos, relatos, memórias se inscreve no domínio do que foi chamado de histórias de vida (PINEAU e LE GRAND, 1993). O fato de decidir falar de si, tomar a palavra, fazê-la ganhar significação, encontrar imagens para ressignificar eventos antigos ou recentes não leva nenhum sujeito a saber se colocar diante de sua própria fala e não determina suas escolhas linguísticas. Tampouco lhe dá a consciência de estar operando em um gênero textual específico, que põe em relevância uma etnolinguística nascente ainda nos estudos contemporâneos sobre linguagem. O prefixo “etno” remete aqui não aos fenômenos de etnicidade, mas à coexistência, no seio de uma mesma sociedade, de mundos sociais, desenvolvendo cada um sua própria linguagem, sua própria cultura. Não há, em uma sociedade, apenas um modelo de linguagem, uma só compreensão dos significados da comunicação; muito ao contrário, o que existe é um verdadeiro caleidoscópio de formas de expressão que se interligam pela história comum dos indivíduos aí inseridos.

Na obra *Ethnologie et langage* – abrangendo dois focos, visão de mundo e literatura oral –, Geneviève Calame-Griaule (1968) define a etnolinguística como uma área de estudos voltada à relação da sociedade com a palavra no sentido de atualização da língua na comunicação. Na conclusão desta obra, fica enfatizado que a relação com uma cultura dessemelhante é sempre um potencial convite à reavaliação de conceitos, na compreensão de posturas que o pesquisador julgava “naturais” em sua prática cotidiana. O que se vê no dia a dia da língua, nas mudanças que decorrem de seu uso, é que na verdade não existe o caráter especificamente natural; toda forma de manifestação é cultural, linguística e, por conseguinte, social, com bases que variam de uma cultura a outra. A multiplicidade de culturas ao longo do tempo é o instrumento que formará o arcabouço para a multiplicidade

de formas de comunicação, cujas fronteiras só um estudo aprofundado e inserido no ambiente de produção será capaz de conhecer.

Assim como visualizamos claramente as diferenças, quiçá as fronteiras, de grupos inseridos em uma mesma sociedade, notadamente no que diz respeito a suas formas de expressão, podemos afirmar que, da mesma forma, falar de si mesmo e contar acontecimentos de sua vida não põe o sujeito na mesma circunstância do acontecimento. Há um hiato em que o sujeito é levado a refletir no momento em conta sua história, muitas vezes reinventando sua realidade a partir de eventos que lhe chegam pelo fio da memória. O tempo é tomado como dimensão avaliadora da mudança do sujeito. Mesmo levando em conta que a memória renova o evento, a experiência se materializa distintamente. Para Husserl (1964) filósofo alemão, conhecido como fundador da fenomenologia, em sua metáfora sobre o sino, o que se percebe em um momento permanece presente durante um tempo, mas não sem se modificar. O próprio fato de acontecer já sugere mudanças pelo olhar de quem a percebe. Não se analisam apenas os fatos, mas a duração dos fatos e sua permanência e sua persistência na memória. A escrita vem recuperar a permanência temporal pelo exame minucioso de escolha das palavras, dos exemplos a serem contados, do conteúdo semântico a ser expresso.

É uma experiência muitas vezes inovadora a de ser convidado a falar sobre si, sobre uma experiência específica ou simplesmente sobre um momento qualquer categorizado por uma temática. Mas pode ser o que Ricoeur chamou de “experiência irrecusável” (RICOEUR, 2007, p. 51), a experiência da descoberta da diferença entre a imaginação e a lembrança. Expor neste texto a linha de força dessas pesquisas consiste em propor a meus colegas, meus alunos, a um público sensível e interessado, um novo olhar e uma nova perspectiva em estudos linguísticos, partindo de uma escuta diferenciada, sensível, implicada e madura; um olhar novo alimentado pela experiência humana do cotidiano, com seus enraizamentos, suas emoções, suas catástrofes pessoais e sociais, em seu grupo de classe profissional, em sua família, em seu grupo social e em si mesmo.

Acreditamos haver nessa abordagem de histórias de vida uma escolha vocabular do falante de grande relevância para os estudos da etnolinguística, tratada dentro do ambiente do pesquisador, em sua língua, em sua cultura. Por meio de uma análise qualitativa acerca dessa escolha, supõe-se a identificação de domínio do conhecimento cultural do emissor, a identificação da forma como as expressões se organizam em cada domínio, o estudo dos atributos das expressões em cada domínio e o descobrimento das relações entre domínios culturais, a que Boas

(apud VALDES GAZQUEZ, 2006) chamou de relatividade linguística. O conceito de relatividade linguística se referia originalmente à forma como se interpreta o mundo por meio de conceitos. Isso não foi entendido como um esforço para mostrar que cada grupo humano se apropria e conceitualiza o mundo de maneira distinta, forma que vai se refletir sobre as formas linguísticas que, constituídas como práticas linguísticas culturais se reproduzem e criam visões de mundo influenciadoras na forma como seus falantes constroem sua linguagem. O princípio da relatividade, visto de outra forma, nos leva a crer que a linguagem modela o pensamento. Para Sapir (2000), uma língua representa um canal restrito por meio do qual os falantes constroem sua experiência e não um reflexo de alguma realidade independente preestabelecida. Optamos aqui pela primeira concepção apresentada. A linguagem e a cultura não são canais que restringem. Elas também nos liberam quando afastam as dúvidas que provêm de regras deterministas da realidade.

Embora a relação entre tipo narrativo e gênero história de vida seja de inclusão tipológica, decorrente de seus elementos, essa relação também se organiza sob forma de contraste. Torna-se possível a consideração de que a categoria de gênero siga imediatamente a de tipo, sem que, para tanto, se possa afirmar que a classe narrativa abranja em todos os seus limites as histórias de vida. Há especificidades nas histórias de vida que não se enquadram no tipo narrativo tal como tem sido visto na literatura mundial. Um dos aspectos, já citado aqui, é a possibilidade de se comprovarem os fatos por meio do próprio emissor, autor e ator de sua história. O contraste se organiza então na perspectiva da autoficção (FOREST, 2001), pela reinvenção de *eu-autor-personagem*, por sua mudança de atitude diante de seu relato. Na empreitada autoficcional, Doubrovsky (1981, p. 335-336), pai do neologismo aqui citado, utiliza-se da estratégia de mudança generalizada dos lugares da enunciação. Para este autor, a mudança reforça a indecisão sobre as instâncias do discurso, *eu-tu-ele-nós-a gente*, por um sentido sempre transfigurativo. Complementando essa idéia, Aragon (1969) argumenta:

Eu não procuro explicar o que se escreve pela vida do homem que escreve. Simplesmente constato o paralelismo dos dois processos, um que se reflete na escrita, outro na biografia. E arrisco essa hipótese que, no início da criação, frase que desperta, encantamento inicial, *incipit* de tal ou tal natureza, o bizarro ou o irrisório das palavras nascidas interpreta em mim o papel do que se chama hoje

uma troca, me orienta numa estrada inesperada do espírito e, por um gesto qualquer, me determina, homem ou criador, na invenção de viver ou de escrever. (ARAGON¹, 1969, p. 41).

A citação de Aragon nos convida a refletir sobre como a autobiografia, trabalhada como discurso autobiográfico, pode ser investida de surpresas para seu autor que, no processo de escrita, se vê levado a recriar. Seria a autobiografia um pacto em que o relato ficcionaliza a experiência vivida? Não se trata de desenovelar a escrita em verdadeira ou falsa, real ou fictícia, haja vista que a escrita autoficcional é sempre ambígua. Trata-se de aportar um olhar crítico sobre as estratégias identitárias e discursivas do texto autobiográfico e se questionar acerca do lugar do autor na autoficção nascida da realidade repensada e transformada. A consideração da autobiografia como um gênero específico inserido na tipologia narrativa é o reconhecimento da legitimidade do discurso *pro domo* que, de Proust a Kundera, se mostra como concepção assegurada do gênero autobiográfico.

Na construção epistemológica do gênero história de vida como discurso autobiográfico, é necessária uma abertura de espírito para a compreensão de que não é obrigatório e nem indispensável que se estudem os aspectos formais da língua para se ter um estudo linguístico. A postura do homem frente à sociedade tem formulado inúmeros discursos que levam à noção de que o mundo é plano², de que não há mais um divisor de disciplinas que impeça a integração de todas as áreas. As maiores comunidades científicas do mundo integram todas as áreas do conhecimento como um grande conjunto de propriedades intelectuais humanas de formação de tecnologias duras e moles. A riqueza vocabular e semântica trazida pelas tecnologias nos últimos quarenta anos nos garante a possibilidade de se estudarem cada vez mais fenômenos de intercessão cultural e linguística. Por trás de toda essa conquista, vive e fervilha a história das civilizações (JOUTARD,

¹ Je ne cherche pas à expliquer ce qui s'écrit par la vie de l'homme qui l'écrit. Simplemente je constate le parallélisme de deux processus, l'un qui se reflète dans l'écriture, l'autre dans la biographie. Et je risque cette hypothèse que, au début de la création, phrase de réveil, incantation initiale, incipit de telle ou telle nature, le bizarre ou le dérisoire des mots surgis joue en moi le rôle de ce qu'on appelle aujourd'hui un échangeur, m'oriente sur une route inattendue de l'esprit et, par un geste détourné, me détermine, homme ou créateur, dans l'invention de vivre ou d'écrire.

² O Mundo é Plano: Uma História Breve do Século XXI é um livro de 2005 escrito por Thomas Friedman, editado em Portugal pela Actual Editora e no Brasil pela Objetiva.

2000), suas mudanças de paradigma, a curiosidade de línguas distintas e o enriquecimento de termos e expressões que habitam nossas casas, nossas prateleiras de lojas e acabam se tornando costumes nossos. A história do outro se insere na nossa história de forma rápida e eficaz. Assim passamos a consumir bens de consumo de outras culturas, aprendemos os nomes, desvendamos segredos porventura existentes nos objetos (GANDON, 1998). Elementos como objetos de tecnologias, o rádio, o televisor, o telefone, os discos antigos, os *compact discs*; costumes da culinária, como o *sushi* japonês e suas variações; a pizza italiana, o hambúrguer americano, a *esfiha* árabe, o macarrão chinês *miojo*, diversos estilos de vestimentas, produtos da cosmetologia, são elementos que transitaram de uma história para outra, graças à comunicação de tradições, graças às histórias de vida contadas ao longo do tempo.

A fala é uma ferramenta possível à maioria dos indivíduos, a pessoa que escutamos diz o que quer, escolhe suas palavras. O falante é convidado a contar fatos de sua vida, sem que o ouvinte lhe demande mais do que ele quer dar. Durante o ato de fala, o sujeito porta sobre si mesmo reflexões, desdobramentos de sua história e a atribuição do papel de elementos de sua vida. O aspecto importante é a construção de um saber a partir das relações feitas entre o fato e o contar. Falar e escrever sobre si ou fazê-lo por intermédio dos outros quando não se é capaz de fazê-lo é um viés interessante, mas não suficiente, de vir ao mundo. Contar a própria história é um exercício de autoconsciência, de distanciamento, que faz que o narrador, numa espécie de fragmentação interna, seja expectador de si-mesmo: um eu que deseja contar sua história pessoal, que cria e ao mesmo tempo observa, dialoga e intervém no processo de criação.

As reflexões nos levam à questão aqui exposta: o que significa querer contar a própria história? Quem está disponível para falar sobre sua vida? Como se estrutura esta narrativa súbita? Nada garante que as palavras apareçam facilmente, pois desejar falar ou escrever sobre si demanda um compromisso íntimo consigo mesmo. A realização dessa narrativa deve vir de um desejo íntimo da pessoa. Se o ato é forçado por um terceiro, é muito provável que o retorno não seja sincero, que perca boa parte de sua subjetividade, que seja artificial. A vida contada de forma artificial não será uma história de vida, mesmo que se constitua num relato de vida. Como vimos em estudo anterior (MAIA-VASCONCELOS, 2005), se o falante não se engaja no projeto de falar/escrever sobre si, se ele não deseja fazê-lo, o relato jamais se tornará uma narrativa da qual poderemos tirar proveito na análise de discurso. Dessa maneira, o pesquisador engajado em um trabalho com classe nar-

rativa e escrita de si deve provocar no seu interlocutor o desejo de organizar os fatos a serem narrados em forma de discurso narrativo autobiográfico, consciente de seu papel de relator de sua história.

A história de qualquer pessoa, cidade, país ou objeto trata sobre o passado, sobre a criação, os eventos vividos. Mas a relação entre diferentes noções de tempos exige um olhar franco, vez que entre as relações temporais existe a relação de desejo do sujeito, o que se põe em conexão íntima com seus sentimentos e com suas emoções. É por causa dessa relação que os sonhos e o imaginário são muitas vezes fundidos com as lembranças. A história e a memória são dois tempos e duas dimensões diferentes. A memória passa pela subjetividade do sujeito, ao passo que a história se fundamenta em fatos, está presa frequentemente a datas. Muito comumente o fato contado entra na memória dos sujeitos, levando-os a crer que viveram o momento contado. Nesse instante, a história vinda de uma fonte externa ao sujeito, porém imbricada com sua realidade, leva o sujeito a não saber mais se aquilo de que se lembra realmente aconteceu e quando. Constituiu-se em sua memória um conjunto de informações que ele textualiza como verdadeiras. Júlia Baird, na obra *Imagine*, em que relata a biografia de seu irmão John Lennon, inicia o prefácio com a seguinte passagem:

Escrever uma história é uma maneira de entender o sentido de sua vida, tentando dar forma e significado a ela. Colocar a caneta no papel, transformar pensamentos impalpáveis em palavras legíveis, nos permite tanto perceber nosso mundo corajosamente quanto dar forma ao nosso lugar naquele mundo (BAIRD, 2008, p. 19).

O costume de dividir alegrias e sofrimentos com um amigo especial – humano ou não, um psicólogo, um padre, os pais ou parentes, ou pela escrita – não é uma prática reservada a uma classe social ou a um grupo de determinada faixa etária. Em todas as situações, trata-se de um investimento sobre um outro que está disponível à escuta no momento em que se deseja falar. A literatura e o cinema nos trazem exemplos múltiplos. O romance *Meu pé de laranja lima* (VASCONCELOS, 2003) conta a história de um garoto que toma como amigo e confidente um pé de laranja-lima. Em sua infância, sem colegas e sem carinho da família, o garoto encontra esse amigo que aliviará suas dores e lhe dará conselhos, mas que, sobretudo, o escutará sempre. No filme *O Naufrago*³ (2000), de Robert Zemeckis, estrelado por

³ Título Original: *Cast Away*: Estúdio: Dream Works SKG. Distribuição: 20th Century Fox Film Corporation / UIP. (EUA): 2000.

Tom Hanks, o protagonista sobrevivente de um acidente aéreo acaba em uma ilha deserta, onde fica por quatro anos sem contato com nenhum ser humano. Entretanto, encontra um objeto, uma bola, que passa a representar seu único contato com a língua, objeto que passa a chamar pelo nome *Wilson* marcado na logomarca do fabricante.

2 Entre realidade objetiva e realidade teórica

Para a construção de uma teoria sobre os discursos biográficos e autobiográficos como estudo linguístico, e a fim de ilustrar nossas reflexões, realizamos levantamento de um *corpus* bastante rico dividido em duas categorias: o primeiro formado por um grupo de 21 alunos de educação continuada, com idades compreendidas entre 40 e 80 anos. Esses alunos eram estudantes de um curso oferecido pela Université de Nantes, na França, na disciplina de História de vida em formação. Os relatos foram colhidos ao longo do ano do curso e publicados em livro pela editora L'Harmattan⁴. O segundo, colhido pela mesma professora, é uma recolha de 13 textos escritos por professores de ensino fundamental, aposentados ou não, com idades entre 35 e 75 anos. O tema proposto pela professora para o desenvolvimento da escrita foi acerca da formação escolar, suas particularidades e domínios, e teve com pergunta de partida: *Qual a lembrança mais antiga que você tem de seu tempo de escola?*

Os relatos trazem à tona uma tomada de decisão que implica num projeto de escrita pelos estudantes, um projeto de engajamento que reflete, desde o primeiro ato, o poder de ação da escrita, em seu valor performativo e recuperador de imagens que pontuam o passado em reflexividade com o presente. A lembrança nutrida pela memória transforma os tempos, pois esta traz qualquer tempo para o presente, independente de ser passado ou futuro imaginário. Viver é concretizado pela escrita que registra a existência. Sollers (1994) afirma sobre esse tema que a única vida realmente vivida é a literatura, pois pode entrelaçar diversas realidades diferentes sem perda do valor textual e discursivo. Na literatura, segundo o autor, a intertextualidade se opera porque a realidade está no livro; no livro, tudo é verdadeiro. Assim, com o projeto de engajamento à escrita, os sujeitos autores dos textos que

⁴ LANI-BAYLE, Martine (coord.). *Histoires de Formations: récits croisés, écritures singulières*. Paris : L'Harmattan, 2001.

nos serviram de *corpus* vão progressivamente perceber que iniciar um relato sobre sua vida escolar é dar testemunho de sua formação pessoal.

O contorno que se faz pelos textos estudados diz respeito ao fato de que a história de um sujeito toca aquela dos outros. O que há entre as histórias são lapsos de tempo, mudanças de referenciais que modificam o testemunho dos autores, na perspectiva da memória arquivada de Ricoeur. Escrever sobre si revela a inserção na historiografia do mundo e garante a permanência potencial do fato pela prova documental. Se no princípio da experiência as pessoas tendem a se questionar se têm realmente uma história para contar, a continuidade do processo revela também que o ato de escrita é a mais “elevada destinação da memória” (RICOEUR, *opus cit.*, p. 170).

A experiência faz emergirem dados intrinsecamente ligados à memória, muitas vezes dolorosa. Um dos textos trabalhados neste estudo inicia-se pela seguinte passagem:

Escreve, me diz um amigo bem intencionado, que não sabia que há anos eu pintava páginas e páginas de cadernos: escreve, mergulha no teu passado, pois escrever organiza os fatos. Aqui se formava um começo a meu destino⁵ (COUPRIE, 2001, p.151 tradução nossa).

A valorização do aspecto formal de escrita como organizador de ideias guarda traços de veracidade que passam além da percepção do autor. Para Ricoeur (*op. cit.*), a prática cotidiana da escrita organiza o pensamento. O desafio de se reconstituírem verbalmente cenas permite medir a confiabilidade do olhar de cada relatante.

Outro relato nos descreve assim o processo de escrita: “Escrever é se livrar, dizer alguma coisa de si. É também aceitar que outro porte seu olhar sobre nós⁶” (LANOIS, 2001, p.205). Um terceiro estudante inicia seu relato dizendo: “As páginas que se seguem são muito mais que um relato, mais que um testemunho, são as

⁵ Ecris, me dit un ami bien intentionné, qui ne savait pas que depuis des années, jê noircissais des pages et des pages de cahiers: écris, plonge dans ton passe, cela devrait te permettre de remettre tes idées em place. Ici se formait um début à mon destin.

⁶ Ecrire c'est se livrer, dire quelque chose de soi. C'est aussi accepter que l'autre porte um regard sur nous.

linhas de um percurso que mistura passado e presente, como num rio⁷” (Jean-Claude Salomon, *idem*, p. 269, tradução nossa).

Percebemos pelas imagens utilizadas como a história de vida pelo discurso autobiográfico inaugura uma perspectiva de interiorização subjetiva e traça o caminho até a escrita como forma de desenclausurar palavras intimidadas, mudas pela disfunção da memória arquivada. Reconstruir a própria história por meio de escrita autobiográfica espontânea, ou mesmo coercitiva, mas ainda livre, é, como argumenta Dulong (1998), uma forma de manter-se mais próximo da realidade. O uso da conversação como método, segundo o autor, preserva melhor os traços essenciais da narrativa. Daí, em situação de pesquisa autobiográfica, não haver possibilidade de entrevistas com os sujeitos participantes. É necessária, antes, uma aproximação para ganho de confiança; daí porque, em se tratando de levar um sujeito a construir seu discurso biográfico, falamos de um encontro de relatos e de conversa de qualidade (MAIA-VASCONCELOS, 2005).

A reflexão trazida por Dulong aponta dois segmentos que fundamentam nossa teoria do gênero discurso autobiográfico. Inicialmente, o fato de que, fugindo às distinções entre discurso e narrativa propostas por Benveniste, Dulong reitera a importância do narrador, sua implicação com o fato, numa acepção do “eu estava lá quando isso aconteceu”. Não havendo essa presença do narrador implicado, a narração seria limitada ao relato dos fatos. A nuance inserida pela presença viva do narrador atesta a significação do fato, a fronteira nítida entre realidade e ficção. Essa fronteira não facilmente compreendida compõe a representação histórica do passado narrado. Favorecer o discurso autobiográfico é dar peso ao testemunho e articular um conjunto de informações levando em conta a subjetividade do narrador.

Em segundo lugar, a estreita ligação entre o sujeito que narra e o testemunho que é fornecido. Na narrativa autobiográfica o próprio sujeito se inscreve como garantidor das verdades dos fatos. Ele se nomeia. Ricoeur (2007, p. 172) aponta o triplo dêitico para a autodesignação: “a primeira pessoa do singular, o tempo passado do verbo e a menção ao lá em relação ao aqui”. O autor explica que o caráter autorreferencial é o elemento construtor da escrita de história de vida. A autorreferência entra no texto por meio de enunciados que desempenham papel de

⁷ Les pages qui suivent sont plus qu’un récit, plus qu’un témoignage, elles sont le parcours qui mélange passé et présent comme s’il suivait un fleuve.

prefácios ao entendimento da proposta. Um elemento descrito na narrativa pode transtornar o narrador, mas não necessariamente chocará ou mesmo tocará o receptor.

Outro elemento que pode ser considerado ainda como fator preponderante ao reconhecimento do discurso autobiográfico com gênero é a categoria dialogal do relato. O sujeito que conta parte de uma intenção bem definida não só de dizer o “eu estava lá”, mas também acrescenta a súplica “acreditem em mim”. Isso é que Ricoeur chamou de autenticação do discurso, que só se concretiza com o retorno do interlocutor. Por fim, levanta-se ainda a questão do discurso autobiográfico coletivo, ou seja, a instância em que a sequência “eu estava lá”, “acreditem em mim” recebe um outro comando, o apoio coletivo nomeado pelo “se não acreditam em mim, perguntem a outra pessoa”. Assim, nas histórias familiares, experiências e relatos passados de geração em geração constituem um conjunto bem delineado de experiências compartilhadas em que relatos de uns que poderão ser assegurados sempre pelos relatos de outros.

3 Algumas reflexões

Não se trata aqui de propor uma maiêutica do discurso proferido pelos sujeitos narradores, mas antes uma visão sobre as vertentes que evidenciam o desenvolvimento do trabalho biográfico. A biografia prioriza a vida, os sujeitos, os atores do processo de criação, suas reflexões e suas escolhas relativas à escrita sobre seu percurso. Muitos provaram a dificuldade da escrita, seja pelo processo mecânico propriamente dito, seja pela dificuldade de articulação entre os diversos tempos inseridos no texto. A escrita, muito mais que a fala, requer de seu autor um nível de estruturação e de autointerpretação capaz de bloquear o deslanche do processo. Por isso, talvez seja mais prudente começar pelo discurso oral, antes de entrar diretamente na escrita. O registro escrito materializa certas informações que referenciam os fatos, o passado, o tempo atemporal da memória.

A elaboração do relato autobiográfico propõe, entretanto, uma renovação da discussão sobre os gêneros textuais. Hoje a cobrança por esse tipo de gênero se tornou inclusive acadêmica, por intermédio dos memoriais de concurso e dos memoriais de formação em cursos de formação de professores. Há uma estrutura específica conectada com a formação que não pode ser deixada de lado. As prateleiras de livrarias estão repletas de biografias de todos os níveis, políticas, históricas, artísticas, educacionais e de entretenimento. Em todas elas percebemos a

presença dos elementos aqui nomeados. Ir em busca desses textos e desses elementos é construir a consciência de que a elaboração de um texto biográfico marca uma nova conjuntura para os estudos linguísticos, desprendidos da mera observação de fatos ligados às estruturas da língua, pois, sendo a língua, antes de qualquer outra coisa, um elemento de vínculo social e histórico, sua manifestação se sobrepõe à sua organização formal.

O discurso autobiográfico permite a seu autor desvendar os segredos de sua formação, de sua aprendizagem, de suas reflexões, sem que para tanto seja objeto de estudos psicanalíticos. A autobiografia é a iniciativa de ir em busca do tempo perdido, como Proust, para enfim encontrar nos recônditos da escrita a conexão precisa entre os fatos. Esse encontro revela significações propulsoras do entendimento sobre a distinção entre escrever como possibilidade de transcrever palavras e escrever como direito de transcrever sentidos.

Referências

ARAGON, Louis. *Je n'ai jamais appris à écrire ou les incipit*. Coleção: Les sentiers de la création). Genebra: A. Skira, 1969.

BAIRD, Julia. *Imagine: crescendo com meu irmão John Lennon*. Trad. Deisa Chamahum Chaves. São Paulo: Globo, 2008.

BARBIER, René. *L'Approche Transversale: l'écoute sensible en sciences humaines*. Paris: Anthropos, 1997.

_____. *La Recherche Action*. Paris Anthropos, 1996.

BARTHES, Roland. Introdução à Análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. *Análise Estrutural da Narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 5. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CALAME-GRIAULE Geneviève. *Ethnologie et langage*. La parole chez les Dogon. Paris, Gallimard, "Bibliothèque des sciences humaines", 14 mai 1968. In-8° broché de 589 pages.

DOUBROVSKY, Serge. *Une écriture tragique*. In: Poétique, n° 47, set. 1981.

DULONG, Renaud. *Le témoin oculaire: les conditions sociales de l'attestation personnelle*. Paris: EHESS, 1998.

FOREST, Philippe; GAUGAIN, Claude (dir.). *Les romans du Je*. Collection Horizons Comparatistes. Nantes: Plein Feux, 2001.

FRIEDMAN, Thomas. *O Mundo é Plano: uma História Breve do Século XXI*. Lisboa: Actual Editora, 2005.

GANDON, Tânia Almeida. A voz de Itapuã: dinâmica de um discurso de identidade cultural, In: *Oral History: challenges for the 21st century*, Atas, Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas; Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 1998, p. 1.354-1.358.

HUSSERL, Edmund Gustav Albrecht. *Leçons de phénoménologie de la conscience intime du temps*. Trad. Francesa. H. Dussort. Paris: PUF, col. Épiméthée, 1964.

JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do século XXI – Conferência de abertura do X Congresso Internacional de História Oral (International Oral History Association). In: *História Oral: Desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, PDOC/FGV, 2000.

LANI-BAYLE, Martine (coord.). *Histoires de Formations: récits croisés, écritures singulières*. Paris : L'Harmattan, 2001.

_____. *L'histoire de vie généalogique: d'Oedipe à Hermes*. Paris: L'Harmattan. 1997.

LEJEUNE, Philippe. *Je est un autre*. Paris: Seuil, 1980.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra. *Clínica do Discurso: a arte da escuta*. Fortaleza, CE: Premius, 2005.

MIERMONT, Jacques. *Ecologia das relações afetivas*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre; CÂMARA, Cristinne Xavier da. Gêneros acadêmicos autobiográficos: desafios do GRIFARS. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição (org.). *Pesquisa autobiográfica: cotidiano, imaginário e memória*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PINEAU, Gaston ; LE GRAND, Jean-Louis. *Les histoires de vie*. Paris : PUF Que sais-je?, n. 2760, 1993, 1996.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

SAPIR, Edward. *Language: An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt, Brace, 1921; Bartleby.com, 2000. www.bartleby.com/186/. Acessado em 17 de outubro de 2008.

SOLLERS, Philippe. *La guerre du goût*. Paris : Gallimard, 1994.

SALOMON, Jean-Claude. Les racines de mes ailes. In: LANI-BAYLE, Martine (coord.). *Histoires de Formations: récits croisés, écritures singulières*. Paris: L'Harmattan, 2001, p. 269-300.

VALDÉS GÁZQUEZ, María. 2006. *El pensamiento antropológico de Franz Boas*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona.

VASCONCELOS, José Mauro de. *Meu Pé de Laranja Lima* – 100. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2003. (1. ed. 1968)

Abstract: *This Aims at coming up with a new categorization of narrative studies from the perspective of genealogic and personal specificity. We perceive that there is a gap in linguistic studies as regards to familiar narratives from historical and genealogical perspectives which form the private and professional structure of individuals. In line with Gaston Pineau, I consider that there is an inter-generic layer between the narrative type and its generic manifestations in respect to biographic and autobiographic writings, between fictional writing and the writing about oneself, characterized by the veracity and by the individualization in the writing. This layer or textual class, here labelled as class, overcomes the categories considered by Barthes. Life history and genealogy form a narrative class that encompasses various forms of narrative manifestations based on emotion which emphasizes both the relationship with the addressee and facts, both relevant aspects in discourse construction.*

Keywords: *life history; genealogy; narrative.*